

Noções sociolinguísticas na educação básica a partir da Turma do Xaxado: contribuições a um ensino significativo da língua portuguesa

Sociolinguistic notions in basic education from the xaxado class: contributions to a significant teaching in the portuguese language

Gilberto Antonio Peres¹
Talita de Cássia Marine²

Recebido em: 28/04/2021

Aprovado em: 01/07/2021

Publicado em: 30/07/2021

RESUMO: Muitos falantes brasileiros acreditam que a língua e a gramática podem ser tratadas de maneira sinônima. Isso porque, por um longo tempo, a escola focou o ensino da língua portuguesa a partir das prescrições da gramática normativa. Entretanto, há pelo menos duas décadas, documentos advindos do governo federal - Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) e a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) - orientam o ensino de língua portuguesa a partir de seus usos. Nesses documentos, a presença das contribuições da Sociolinguística a tal ensino é inegável e, em sintonia com tais orientações, elaborar propostas didáticas que possam estimular a reflexão acerca da língua em situações reais de uso, possibilitando aos alunos condições de (re) conhecê-la em toda sua heterogeneidade, evitando, assim, atitudes linguísticas equivocadas que colaboram para a disseminação do preconceito linguístico, mostra-se como algo imperativo no cenário brasileiro de ensino. Nesse sentido, a fim de contribuir com o atendimento dessa demanda, elaboramos uma proposta didática composta por atividades didáticas voltadas a alunos dos anos finais do ensino fundamental II, a partir de alguns exemplares de tiras da Turma do Xaxado. Com relação aos procedimentos metodológicos, orientamo-nos pela pesquisa-ação (THIOLENT, 1986) e, na análise dos dados, pautamo-nos na pesquisa qualitativa. Embasamo-nos em referenciais sociolinguísticos, tais como Bortoni-Ricardo (2005), Faraco (2008), Bagno (2007, 2013, 2014), Scherre (2008) e Silva (2006). Por fim, cabe destacar que ao longo da aplicação das atividades, observamos que os alunos passaram a compreender o fenômeno da variação linguística, reconhecendo o imprescindível respeito às diversidades linguística e cultural brasileiras.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de língua portuguesa; Turma do Xaxado; Sociolinguística Educacional; Preconceito linguístico.

ABSTRACT: Many Brazilian speakers believe that language and grammar can be treated synonymously. That is because, for a long time, the school focused on teaching Portuguese language from the prescriptions of normative grammar. However, for at least two decades, documents from the federal government - National Curriculum Parameters (BRAZIL, 1998) and the National Common Curricular Base (BRAZIL, 2017) - guide to teaching Portuguese language from its uses. In these documents, the presence of the contributions from Sociolinguistics to such teaching is undeniable and in line with such guidelines, to elaborate didactic proposals that can stimulate reflection about the language in real situations of its use, enabling students to conditions of knowing or recognizing it in all its heterogeneity, thus avoiding mistaken linguistic attitudes that contribute to the dissemination of linguistic prejudice, is shown as something imperative in the Brazilian teaching scenario. Seen in these terms, in order to contribute to meeting this demand, we prepared a didactic proposal composed of didactic activities aimed at students from final years of elementary school II, based on a few copies of the Xaxado Class strips. Regarding to methodological procedures, we are guided by action research (THIOLENT, 1986) and, in data analysis, we are guided by qualitative research. We are based on sociolinguistic references, such as Bortoni-Ricardo (2005), Faraco (2008), Bagno (2007, 2013, 2014), Scherre (2008) and Silva (2006). Finally, it should be noted that throughout the application of the activities, we observed that students began to understand the phenomenon of linguistic variation, recognizing the essential respect for Brazilian linguistic and cultural diversity.

KEYWORDS: Portuguese language teaching; Xaxado class; Educational Sociolinguistics; Linguistic prejudice

1. Graduação em Letras Português/Inglês. Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal de Uberlândia. Professor de Língua Portuguesa da rede pública da SEEMG, atuando nos anos finais do ensino fundamental e no ensino médio. ORCID: 0000-0002-1251-5752. E-mail: gilberto.peres@educacao.mg.gov.br.

2. Pós-doutorado na área de Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-graduação em Letras: ensino de língua e literatura da Universidade Federal do Tocantins. Mestrado e doutorado em Linguística e Língua Portuguesa na UNESP/Araraquara com estágio PDEE na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Professora associada nível I do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia. Docente permanente do Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Letras (Profletras-UFU). ORCID: 0000-0002-3086-3961. E-mail: talita.marine@gmail.com.

INTRODUÇÃO

O processo de ensino e aprendizagem da língua portuguesa na escola brasileira de Educação Básica tem recebido consistentes contribuições da Sociolinguística Educacional e da Pedagogia da Variação Linguística, uma vez que é imprescindível desfazer o equívoco de que a língua é um fenômeno homogêneo. É inadmissível, em pleno século XXI, ainda encontrarmos instituições escolares que difundem um ensino tradicional, “como se a língua fosse uma coisa imóvel, pronta, acabada, estática, sem nenhuma possibilidade de mudança, variação, transformação” (BAGNO, 2014, p. 65). O efeito de tal abordagem é sentido pelos falantes/estudantes de forma frustrante, já que se veem submetidos a uma prática pedagógica que não leva em consideração a sua realidade sociocultural, ao mesmo tempo em que impede que eles interajam naturalmente com outras variedades linguísticas e possam compreender melhor a língua como um fenômeno humano e social.

Nesse sentido, consideramos que o professor precisa construir seu papel de mediador de reflexões acerca do fenômeno de variação linguística, em uma situação de entrelaçamento com as questões socioculturais que possam favorecer o entendimento da diversidade linguística como um aspecto natural da língua. Dessa forma, é indispensável que, no processo de acolhimento do discente no espaço escolar, seja evitado o conflito entre o que a escola se propõe a desenvolver e os elementos que compõem as características da comunidade de fala do aluno enquanto ser social, respeitando, assim, sua origem cultural, aquela que o identifica como membro de uma dada comunidade. De acordo com Barroso (2018, p. 33), “Ao ver seus valores culturais desprezados pela escola, o aluno sente-se, também, um rejeitado pelo processo educativo, tornando-se resistente às práticas de sala de aula, principalmente no que diz respeito ao ensino de Língua Portuguesa”. Como a cultura da comunidade tem muito valor para o aluno, a valorização dela contribui para aprimorar, de fato, o desempenho linguístico do educando.

Ademais, enfatizamos que documentos oficiais do governo federal (Parâmetros Curriculares Nacionais, 1998 – doravante PCN; Base Nacional Comum Curricular, 2017 – doravante BNCC), há mais de duas décadas, propõem um ensino de língua portuguesa alicerçado na visão sociolinguística, ou seja, na heterogeneidade linguística, chamando o professor para uma atuação docente que destaque a reflexão acerca da variação linguística em sala de aula, pois só assim sua prática poderá levar o aluno a refletir sobre os usos da língua para que, posteriormente, tenha condições de entender as variações que ela sofre e conhecer fatores, principalmente extralinguísticos, que condicionam tais variações.

Pautados nessas questões, apresentamos, neste artigo, uma análise de atividades que propusemos para abordar a língua como um fenômeno heterogêneo, além de abordar

o preconceito linguístico a partir do gênero discursivo tiras. Para tanto, organizamos nosso texto seguindo a seguinte estrutura: iniciamos com esta introdução; procedemos a uma discussão da abordagem da língua como um fenômeno variável, incluindo breves reflexões acerca de crenças linguísticas e preconceito linguístico; na sequência, apresentamos a metodologia que embasou a proposta didática aplicada. Depois fazemos a exposição das atividades propostas seguidas da análise da aplicação. Por fim, apresentamos nossas considerações finais e as referências bibliográficas.

A língua como um conjunto de variedades: um entendimento necessário

No enfrentamento dos constantes desafios no trabalho docente com a língua portuguesa é imprescindível que os professores se mostrem empenhados em melhorar e inovar suas práticas docentes, buscando, por meio de uma formação continuada, apropriarem-se de conhecimentos que favoreçam um olhar mais atento para as variedades linguísticas presentes na sociedade e, conseqüentemente, no espaço escolar. Só assim a língua poderá ser objeto de ensino e aprendizagem a partir de toda sua heterogeneidade, contemplada em suas variedades cultas e populares contextualizadas em práticas de linguagem que possibilitem ao alunado (re)conhecer a legitimidade dos variados usos linguísticos que compõem o português brasileiro. Esse empenho e esforço docentes são necessários, uma vez que

A Sociolinguística Educacional propõe que se leve para as salas de aula a discussão sobre a variação linguística, orientando os alunos a reconhecerem as diferenças dialetais e, mais importante, a compreenderem que essas diferenças são normais, legítimas e que devem ser consideradas na seleção das estruturas a serem utilizadas a depender das condições de produção, isto é, das necessidades do leitor/escritor, falante/interlocutor a partir do contexto em que se encontra (CYRANKA, 2016, p. 169).

A partir dessas reflexões, o mais importante é que o aluno compreenda a normalidade que permeia todas as variedades linguísticas, afinal, a variação linguística é inerente a toda e qualquer língua natural. Dessa forma, acreditamos que o olhar que esse aluno tem acerca de suas próprias variedades, por vezes um olhar repleto de crenças negativas, possa se transformar. Consciente da heterogeneidade da língua em uso, essas crenças tendem a se desconstruir e a dar espaço para uma visão mais ampla de língua, o que pode oportunizar um espaço fértil para que este mesmo aluno conceba como legítimas as suas variedades linguísticas, uma vez que a forma como utiliza a língua satisfaz suas necessidades comunicativas no cotidiano de seu convívio social. Posto isso, as aulas de língua portuguesa poderão ganhar um outro lugar na vida de alunos da Educação Básica; um lugar de reflexão e análise de várias possibilidades de uso da língua, materializadas em

diferentes gêneros textuais/discursivos que, por sua vez, lançam mão de diferentes variedades linguísticas – ora mais, ora menos monitoradas.

Assim, estudar língua portuguesa deixará de ser sinônimo de “decorar regras de gramática normativa”, passando a ser uma oportunidade de ampliar o repertório linguístico do falante (aluno) que começou a se construir em suas primeiras manifestações verbais. Nessa proposta de reflexão sobre a língua, é importante que o professor (também na condição de falante) se perceba como um mediador de possíveis conflitos linguísticos, geradores de discriminação linguística e social. Nesse contexto, o preconceito linguístico poderá ser combatido de maneira contextualizada e, sobretudo, a partir de demandas oriundas da realidade de cada turma, de cada sala de aula, a partir de discussões que visem conscientizar os alunos acerca das diferenças. Acreditamos, portanto, que combater o preconceito linguístico seja, antes de qualquer coisa, instaurar em sala de aula um ambiente democrático de reflexão, de discussão e de respeito pela língua, considerada em toda sua heterogeneidade constitutiva.

Dessa forma, a escola - instituição de poder à qual pretensamente já coube a tarefa de padronizar e regular o uso que os estudantes fazem da língua - precisa reorganizar e inovar suas ações pedagógicas, desconstruindo essa visão de homogeneidade, uma vez que “O padrão não conseguirá jamais suplantar integralmente a diversidade porque, para isso, seria preciso alcançar o impossível (e o indesejável, obviamente): homogeneizar a sociedade e a cultura e estancar o movimento e a história” (FARACO; ZILLES, 2017, p.157).

A instituição “escola” é incapaz de homogeneizar a sociedade; a diversidade (socio)linguística é produto da diversidade sociocultural. O ambiente escolar é um *locus* de convivência de variedades linguísticas: elas se fazem presentes na escola, embora não sejam próprias dela. Afinal, “toda e qualquer variedade linguística é manifestação inequívoca da cultura de um povo, de um grupo, de uma comunidade” (SCHERRE, 2008, p. 90). Portanto, a mais promissora atitude do professor de língua portuguesa é tratar com naturalidade a variação linguística, visando ao entendimento e à aceitação do caráter variável da língua pelo alunado.

Crenças linguísticas

Quando se propõe a modificar o ensino de língua portuguesa, o professor não está sozinho, sobretudo quando ele pretende realizar um ensino reflexivo da língua. Junto a ele estão suas crenças – inclusive linguísticas -, bem como suas ideias e, por vezes, até convicções sobre as quais apoia sua prática pedagógica. Diante disso, a fim de administrar possíveis tensões que podem emergir nesse cenário de profundas transformações de

natureza teórica e empírica, é imperativo que o docente, primeiramente, se faça alguns questionamentos: como me posiciono diante do repertório cultural e linguístico dos meus alunos? Quais são minhas crenças linguísticas e de que maneira elas interferem em minha atuação docente? Percebo e considero as crenças linguísticas dos meus alunos? É primordial que essas reflexões apresentem respostas que contribuam para a concepção, desenvolvimento e aplicação de uma proposta de ensino alinhada à abordagem sociolinguística. O professor precisa ser capaz de acolher o diferente para atuar de forma a oportunizar ao aluno que ele se torne protagonista de seu aprendizado linguístico, consciente da heterogeneidade do português brasileiro e da riqueza de suas diversas possibilidades de uso. Sob tal perspectiva, já não caberá ao professor, nem ao aluno, carregar consigo avaliações negativas em torno de quem não faz uso de variedades linguísticas prestigiadas socialmente.

Assim, espera-se que o professor execute seu trabalho alicerçado numa reflexão capaz de gerar “contribuição significativa para uma educação linguística menos marcada pela intolerância” (LEITE, 2012, p. 10), pois, com certeza, alimentar crenças linguísticas positivas acerca da heterogeneidade da língua poderá inibir a disseminação do preconceito linguístico.

Sobre a necessidade de enfraquecer o preconceito linguístico

Gera incômodo termos que concordar com o fato de que “A língua continua sendo forte elemento de discriminação social, seja no próprio contexto escolar, seja em outros contextos sociais” (FARACO; ZILLES, 2015, p. 08). Mas, isso é um fato: o ser humano é discriminado e, por vezes, excluído socialmente por questões linguísticas. Diante disso, muitos professores se veem estimulados a conceberem suas práticas de ensino e aprendizagem de língua portuguesa pautadas na abordagem sociolinguística, já que encontram, em tal abordagem, um aporte teórico sólido que lhes oferece subsídios para implementarem os pressupostos da pedagogia da variação linguística em suas aulas. De acordo com Faraco e Zilles (2015, p. 09), “o que nos desafia é a construção de toda uma cultura escolar aberta à crítica da discriminação pela língua e preparada para combatê-la, o que pressupõe uma adequada compreensão da heterogeneidade linguística do país, sua história social e suas características atuais”.

A visão dos autores esclarece-nos que o marco inicial para um trabalho exitoso sobre a variação linguística no contexto escolar deve ser o entendimento do aluno de que seu próprio uso linguístico é legítimo. A partir do momento em que as variedades dos alunos forem respeitadas e legitimadas no espaço escolar, ao serem colocados em contato

PERES, G.A; MARINE, T.C.

com outras normas, com vistas a ampliar seu repertório linguístico, o acesso às variedades linguísticas de maior prestígio social tende a acontecer de maneira mais natural, especialmente pelo fato dessas variedades serem postas como objeto de estudo significativo, associado a possibilidades de participação e inclusão social. Desse modo, o ensino das variedades cultas tende a não ser mais visto pelo aluno como uma mera imposição que, por vezes, fere sua identidade, além de reforçar preconceitos que se reverberam por meio de crenças linguísticas limitantes e equivocadas.

Na esteira dessas reflexões, cabe ressaltar que a influência e as contribuições dos estudos sociolinguísticos para o ensino de língua portuguesa na Educação Básica são elementos que provocam e fazem aflorar em professores críticos de suas próprias práticas o desejo de inovar em sala de aula. Conscientes e sensíveis ao fato de que nenhum falante de nenhuma variedade que compõe uma língua pode ser considerado linguística ou culturalmente deficiente (BORTONI-RICARDO, 2005), esses professores encontram munição teórica e metodológica na Sociolinguística, especialmente na Sociolinguística Educacional, para combaterem o preconceito linguístico, enfraquecendo-o. E assim, com esse movimento, contribuem para que o ser humano seja respeitado na sua diversidade linguística e cultural.

METODOLOGIA

Considerando todas as questões que discutimos nas seções anteriores acerca do ensino da língua portuguesa pautado nas contribuições da Sociolinguística, apresentaremos a metodologia que subsidiou a elaboração e a aplicação da proposta de atividades que exporemos neste artigo. Afinal, toda proposta de atividades necessita de um planejamento adequado para alcançar os objetivos pretendidos, o que se aplica também no contexto escolar. Desse modo, a fim de organizar nossa proposta de atividades para uma reflexão sobre a heterogeneidade linguística e sobre o preconceito linguístico, tendo como público alvo alunos da Educação Básica (especificamente uma turma de 29 alunos do 8º ano dos anos finais do Ensino Fundamental de uma escola pública estadual mineira, na cidade de Guimarães), procedemos a um estudo sobre o tema, criamos as atividades a serem aplicadas e as fundamentamos em um aporte teórico sólido (FARACO, 2008; BORTONI-RICARDO, 2005; COELHO et al. 2015; BAGNO, 2007, 2013, 2014; SILVA, 2006; FARACO e ZILLES, 2015, 2017; CYRANKA, 2016; POSSENTI, 2012; SCHERRE, 2008), ao qual também recorreremos para fundamentar a análise das respostas obtidas, constituindo o *corpus* desta pesquisa.

O material que aqui utilizamos é parte da dissertação de Mestrado Profissional em

Letras (Profletras – UFU) defendida por Peres (2018). Os estudantes participantes da pesquisa foram designados pela letra A, seguida de um número referente à ordem da turma, conforme uma lista alfabética. Os dados (respostas dos alunos referentes à atividade 1 – aplicada em dois momentos distintos, os quais estão especificados na apresentação da proposta - e às atividades 2 e 3) foram analisados qualitativamente a fim de, tal como ressalta Bortoni-Ricardo (2008), desvelar o que está dentro da “caixa preta” no dia a dia dos ambientes escolares. Assim como a autora, acreditamos que isso possibilita ao professor identificar processos que, por serem rotineiros, tornam-se “invisíveis” para os atores que deles participam. Nosso interesse foi na descrição e na interpretação dos dados, relacionados ao contexto em que estão inseridos.

Proposta de atividades: apresentação, fundamentação, aplicação e análise

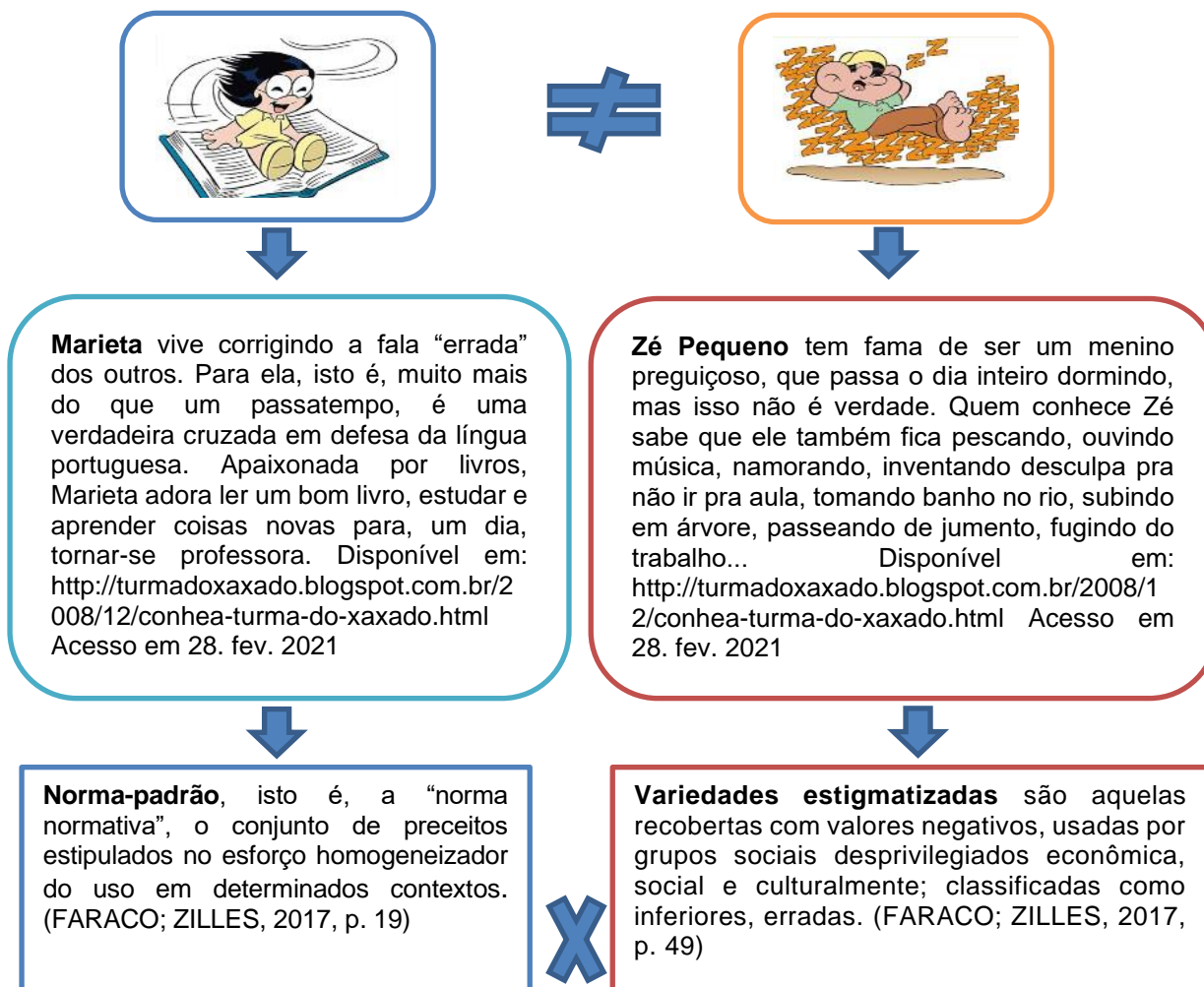
Antes de apresentarmos nossa proposta didática propriamente dita, vale ressaltar que, para a sua elaboração e aplicação, escolhemos personagens da Turma do Xaxado¹ que, nas palavras do próprio criador, “é formada por personagens genuinamente brasileiros, que falam a nossa língua e vivem a nossa realidade” (CEDRAZ, 2006, p. 04).

Para nossa reflexão, interessam-nos em especial, dois personagens da Turma do Xaxado: Marieta e Zé Pequeno. São realmente genuínos representantes do povo brasileiro, muito distintos linguisticamente, o que favorece a qualquer falante brasileiro refletir habilmente sobre a questão da variação linguística. Enquanto Marieta representa um falante com atitudes típicas de valorização da gramática normativa, Zé Pequeno se encontra no outro extremo: é aquela personagem de comportamento linguístico típico de quem merece ser investigado por questões de “diferenças” no uso da língua, em relação às “variedades cultas da língua”. Eles aludem a situações linguísticas possíveis de acontecer na realidade e que, por isso mesmo, merecem ser levadas para dentro da sala de aula como objeto de estudo e reflexão, afinal, variedades linguísticas diferentes não podem se tornar motivo de intolerância e de discriminação entre falantes de uma dada língua.

Faremos a apresentação deles, associando suas características à fundamentação sociolinguística empregada em nossa proposta.

¹ Os principais personagens desta turma são: Xaxado, Marieta, Marinês, Arturzinho, Zé Pequeno e Capiba.

Esquema 1: Caracterização dos personagens Marieta e Zé Pequeno



Fonte: elaborado pelos autores.

Observemos na tira “Bilhete de Zé Pequeno”, figura 1, a atitude de Marieta ao ler o bilhete escrito por Zé Pequeno:

Figura 1: Bilhete de Zé Pequeno



Fonte: CEDRAZ, A. L. R. Xaxado ano 1. Salvador: Editora e Estúdio Cedraz, 2003, p. 89.

Notamos pela atitude da personagem Marieta, no terceiro quadrinho, que ela se aproxima bastante da atitude dos gramáticos para quem “o *certo* é o *certo* e acabou, ponto final. Tudo o que escapa desse conceito de *certo* [...] é considerado ‘errado’, *feio*, *estropiado*, *corrupto*, *viciado*, etc. E assim se instala um terrível *preconceito linguístico* na maneira de ensinar português” (BAGNO, 2014, p. 65, destaques do autor). Ocorre, portanto, uma recusa em entender, em investigar por que os falantes de uma língua apresentam usos diferentes que não sejam o padrão.

Com o intuito de propiciar uma discussão a respeito da variação linguística, associando à caracterização dos dois personagens e nos apoiando na teoria sociolinguística que até aqui mencionamos, apresentamos questionamentos que possam contribuir para uma leitura crítica da tira.

Quadro 1: Questionamentos para leitura da figura 1

A	A personagem Marieta manifestou respeito com o personagem Zé Pequeno, analisando a forma como ele escreveu o bilhete?
B	Você imagina por que Zé Pequeno escreveu o bilhete com muitos desvios ortográficos?
C	Nós compreendemos a mensagem que Zé Pequeno emite por meio do bilhete?
D	Se você fosse Marieta, que resposta daria à pergunta de Zé Pequeno?
E	Como devemos agir quando alguém fala diferente do nosso modo de falar, perto de nós?

Fonte: elaborado pelos autores.

Como na aplicação das atividades nosso interesse é fazer os falantes/estudantes refletirem sobre a heterogeneidade linguística e o respeito a ela, motivados pelas leituras das tiras, sem consolidarem a ideia de inferioridade ou estigmatização de uma variedade linguística, analisamos uma abordagem sobre o tema em um livro didático (figura 2), apresentada de forma convergente com nosso propósito.

Figura 2: Atividade sobre variedade linguística com tira de Zé Pequeno

A língua em estudo


A língua e suas variações

1. O humor decorre do fato de a repórter empregar o termo **rede** para fazer referência à conexão via internet. No entanto, Zé Pequeno pensou que ela estava falando da rede utilizada como objeto para dormir ou a rede usada por pescadores para apanhar peixes. **Caso julgue necessário, explique aos alunos que, quando uma palavra apresenta significados diferentes, dizemos que ela é um exemplo de polissemia.**

Refletindo e conceituando

Leia a tirinha abaixo, da Turma do Xaxado. Cada um dos personagens dessa turma apresenta uma forma própria de se expressar. ***Se necessário, explique aos alunos que a linguagem utilizada por Zé Pequeno é uma variação regional.**

Observe uma cena entre os personagens Zé Pequeno e uma repórter:



Xaxado: Xaxado 3: 365 tiras em quadinhos, de Antonio Cedraz. Salvador: Cedraz, 2008. p. 55. v.1.

- 1 Nessa tirinha, ocorre uma situação que gera humor. Explique qual é essa situação.
- 2 Observe as falas dos personagens da tirinha. A linguagem empregada pela repórter é semelhante à empregada por Zé Pequeno ou é diferente? Explique.

Na tirinha apresentada, é possível perceber que, embora a repórter e Zé Pequeno sejam falantes da mesma língua, eles a empregam de modo diferente. Essa diversidade é denominada **variedade linguística**.

A repórter emprega as **normas urbanas de prestígio**. Essas formas são utilizadas em livros, jornais, telejornais, revistas, correspondências a autoridades etc., ou seja, empregadas em situações formais de comunicação. Zé Pequeno usa uma forma de falar empregada principalmente no dia a dia, em situações informais e com pessoas com quem se tem mais intimidade e afinidade.

Conhecer as variedades da língua

Ao conhecermos essas variedades, percebemos que há diversas formas de se fazer uso da língua, que podem variar, por exemplo, de acordo com o nível social e a escolaridade, a idade, a região onde a pessoa vive ou já viveu e com quem ela está se comunicando. Isso mostra que não há uma forma correta e outra incorreta de falar. No entanto, é importante ressaltar a necessidade da utilização das normas urbanas de prestígio em registros formais de comunicação.

Fonte: ALVES, R.; BRUGNEROTTO, T. **Vontade de saber Português**, 6º ano. São Paulo: FTD, 2012, p. 27.

Após análise da proposta de atividade (figura 2), percebemos uma convergência bastante expressiva entre a exposição feita no livro sobre o assunto e a abordagem dos sociolinguistas que mencionamos neste artigo. Apresentamos nossas considerações sobre a forma como o fenômeno da variação linguística, aqui introduzido para alunos do sexto ano do ensino fundamental II, é abordado de maneira coerente:

- A. Na parte da explicação para o professor, referente à questão 1 (colocada na parte superior direita, na cor vermelha), exaltamos a atitude de não desprestigiar a fala de Zé Pequeno, além de enriquecer o comentário sobre a ocorrência do humor por meio de uma polissemia. Fica implícito que, na abordagem das autoras do livro, nem o fato de Zé Pequeno não entender essa questão lexical foi motivo de desprestígio. Elas não se valeram desse fato para estigmatizar o personagem. Observamos também que na última parte da orientação para o

professor, não se fala em caipira, mas, sim, regional. Assim, evita-se uma caricatura do personagem Zé Pequeno, como frequentemente se faz com a imagem do caipira.

- B. Na pergunta 2 **“A linguagem empregada pela repórter é semelhante à empregada por Zé Pequeno ou é diferente?”**, as escolhas lexicais “semelhante” e “diferente” já conduzem ao entendimento de que na abordagem das variedades linguísticas os conceitos de certo e de errado já não são mencionados, o que se confirma na explicação que a segue: **“eles a empregam de modo diferente”**.
- C. O conceito de variedade linguística foi focado de forma coerente, conduzindo a discussão de maneira que o falante/estudante não compreenda a diferença como uma deficiência; muito importante chamar a atenção para analisar a língua em uso, fato que denota uma maneira respeitosa de concebê-la. Essa conduta é muito relevante e vai ao encontro de uma advertência de Cedraz a respeito da fala do personagem Zé Pequeno: “As expressões regionais apresentadas na fala do Zé Pequeno devem ser entendidas não como um desvio da norma culta, mas uma maneira própria de se expressar que é uma característica dos moradores menos letrados da região” (CEDRAZ, 2012, p. 02).

No entanto, apesar de todo o esforço das autoras em não potencializarem o preconceito dos falantes em relação à crítica a certas variedades linguísticas menos prestigiadas, concordamos com Araújo e Pereira (2017) que, ao analisarem esta mesma atividade de livro didático, defendem a importância de levar o alunado a refletir sobre os aspectos sócio-históricos dos falantes, presentes em suas falas. Esses aspectos estão para além da questão da (in)formalidade. No caso da reflexão sobre o personagem Zé Pequeno, propomos que os alunos sejam questionados da seguinte maneira: **Como você imagina as características socioculturais da comunidade em que Zé Pequeno vive?**

No entanto, orientamos aos professores que é importante estarem bem informados a respeito dos subsídios sociolinguísticos, a fim de conduzirem os desdobramentos oriundos desse questionamento, principalmente quando eles se manifestarem de maneira preconceituosa. Assim, enfatiza-se o respeito às diversidades culturais e linguísticas.

As atividades: elaboração, aplicação e análise

Acreditando nesse esforço de melhor preparação docente frente aos desafios de atuação profissional num ambiente de conflito linguístico, permeado de diversidades, é que procedemos à elaboração e aplicação das atividades seguintes. Nosso principal objetivo foi

conhecer como os alunos concebem a língua que já falam antes de ingressarem na escola e como pensam o uso linguístico quando são colocados em contato com a abordagem linguística que lhes é apresentada ao longo dos anos de escolarização.

Esclarecemos que a atividade 1 foi aplicada em dois momentos para os mesmos estudantes, sendo o primeiro momento no primeiro semestre de 2017 e o segundo momento, dois anos depois, no primeiro semestre de 2019.

Assim, apresentamos, inicialmente, as atividades propostas e sua fundamentação, seguidas das respostas dos discentes e nossa análise embasada em fundamentos de linguistas brasileiros, sobretudo sociolinguistas.

ATIVIDADE 1

Primeiro momento da aplicação: 29 alunos do 8º ano dos anos finais do ensino fundamental, no primeiro semestre de 2017 – durante a realização da pesquisa do mestrado.

O desenvolvimento dessa atividade seguiu estes passos: apresentação aos alunos da tira correspondente à figura 3 (cada aluno recebeu uma cópia); leitura e análise individual da tira; respostas orais às perguntas propostas.

Figura 3: Falar certo e errado



Fonte: CEDRAZ, A. L. R. 1000 tiras em quadrinhos. São Paulo: Martin Claret, 2012, p. 190.

- A) O que é falar errado?
- B) O que é falar certo?
- C) Como as pessoas com quem vocês convivem falam: certo ou errado?

Nosso pensamento para a proposta desta atividade se fundamenta na afirmação de que “Certo é tudo que está conforme às regras ou princípios de um determinado grupo dentro dos limites do próprio grupo” (SCHERRE, 2008, p.18). Dessa forma, o que extrapola os limites de um grupo deverá ser interpretado como diferente, não como errado. No entanto,

nem sempre os falantes têm a consciência dessa verdade que leva em consideração as características socioculturais desse mesmo grupo. Assim, ao lado da natureza impositiva da gramática normativa, buscamos também investigar se os alunos relacionaram o falar (certo ou errado para a gramática) aos fatores socioculturais dos falantes, como propõe Bortoni-Ricardo (2005, p.71): “Cada enunciado é para o falante um ato de identidade”.

Seguem respostas dos estudantes às perguntas propostas, complementadas por nossas reflexões.

Quadro 2: Respostas dos participantes às perguntas A e B da atividade 1

A) O que é falar errado?	
A4 ²	Fala rápido, de qualquer jeito.
A7	Uai! (<i>risos</i>). Falar errado, errado, não! Tem o vocabulário e a fala mais humilde, do interior, tem sotaque.
A8	Depende do lugar, do jeito de falar. Nordeste, por exemplo.
A9	Depende do costume.
A17	Ouviu alguém falar e acha que é certo.
B) O que é falar certo?	
A17	Usar as regras da gramática. (<i>Ninguém mais se manifestou depois da resposta desse participante.</i>)

Fonte: elaborado pelos autores.

Inicialmente, destacamos que há alunos que apresentam uma percepção de língua atrelada a uma postura de valoração tradicional, alicerçada em certo e errado, confundindo-a com regras de gramática, entendida como disciplina escolar ou manual que as contém. A resposta de A17 (Usar as regras da gramática.) à pergunta B (O que é falar certo?) é a melhor para comprovar nossa constatação: alia-se a isso o fato de os alunos não se manifestarem de forma contrária a tal posicionamento. Dessa forma, corroboramos o que expõe Possenti (2012, p.78): “A noção mais corrente de erro é a que decorre da gramática normativa: é erro tudo aquilo que foge à variedade que foi eleita como exemplo de boa linguagem”.

Mencionamos também, como um posicionamento preconceituoso, a resposta de A8 à pergunta A (O que é falar errado?), restringindo negativamente os nordestinos, discriminando o sotaque (jeito de falar) desses falantes. Poderíamos minimizar as respostas que atacam determinados falantes se, nos alicerçando em Bortoni-Ricardo (2005), perguntássemos: **O que é falar de acordo com sua identidade?** Provavelmente as respostas se aproximariam da resposta de A7 à pergunta A (O que é falar errado?),

² Os estudantes participantes da pesquisa foram designados pela letra A, seguida de um número referente à ordem da turma, conforme uma lista alfabética.

manifestando, mesmo implicitamente, a exclusão dos conceitos de certo e de errado: “Falar errado, errado, não!”. Nas respostas, há também escolhas lexicais que nos permitem inferir que os alunos já mencionam pensamentos associados à ideia de diferenças: o sotaque (A7), o lugar (A8), o costume (A9).

A partir da análise das respostas, nossa reflexão de professores de língua portuguesa se dirigiu para o seguinte questionamento: como os docentes de língua portuguesa desses alunos, em anos anteriores, fundamentaram sua prática pedagógica relacionada à valorização (ou não) da gramática normativa?

C) Como as pessoas com quem vocês convivem falam: certo ou errado?

Responderam a essa pergunta 29 alunos (24 disseram que as pessoas falam errado e 04 disseram que as pessoas falam certo). Pelas respostas inferimos que os alunos consideraram apenas a ideia de certo ou errado, predominando o julgamento de que fugir às “normas gramaticais” é considerado erro. É preciso apresentar aos alunos a heterogeneidade da língua, despertando neles o respeito fundamentado na compreensão das características socioculturais do grupo a que os falantes pertencem e evidenciar que as outras variedades linguísticas também podem estar presentes no espaço escolar e serem tão conhecidas e aceitáveis quanto a padrão.

Dessa forma, buscaremos minimizar o conflito entre a tradicional cultura escolar, pautada nas variedades de prestígio social *versus* as variedades específicas das comunidades de fala. Não se trata de invalidar uma ou outra variedade, mas, sim, de reconhecer a legitimidade de cada uma, pois, segundo Possenti (2012, p. 83, destaques do autor) “o papel da escola não é o de ensinar uma variedade *no lugar* da outra, mas de criar condições para que os alunos aprendam *também* as variedades que não conhecem, ou com as quais não têm familiaridade”. Assim, a escola cumpre seu papel de também oportunizar aos educandos a aprendizagem de outras normas, ampliando sua competência comunicativa.

Segundo momento da aplicação: 25 alunos do 1º ano do ensino médio, no primeiro semestre de 2019, responderam às perguntas A e B da atividade 1.

Dois anos depois de os estudantes terem respondido a essas questões³, vinte e cinco deles responderam novamente às perguntas A (O que é falar errado?) e B (o que é

³ Cabe destacar que, do intervalo entre o primeiro momento de aplicação e o segundo, ocorreu a publicação

falar certo?), agora como estudantes do 1º ano do ensino médio. Nossa pretensão foi averiguar como os mesmos estudantes, que há dois anos refletiram sobre certo e errado em relação ao uso da língua, se conscientizaram a respeito do fenômeno da variação linguística e, conseqüentemente, como se posicionam diante do contato com as variedades linguísticas diferentes daquela(s) que usam⁴.

Demonstramos algumas respostas dos alunos, as quais nos nortearam para avaliarmos a conscientização dos falantes/estudantes diante das diferenças linguísticas:

Quadro 3: Respostas à pergunta A da atividade 1 (2º momento da aplicação)

A) O que é falar certo?	
R1 ⁵	É falar de acordo com a norma padrão .
R2	É usar as regras básicas da gramática; usar singular e plural corretamente.
R3	Usar a língua portuguesa com suas normas , do jeito correto.
R4	É seguir corretamente a variedade padrão.
R5	É falar formalmente sem nenhum erro de português.
R6	É respeitar a gramática da língua portuguesa.
R7	É falar gramaticalmente correto .
R8	É usar corretamente a norma padrão . Mas esse é um termo errado, pois o que existe é o diferente.
R9	Cada lugar tem um jeito diferente de falar, ainda mais o Brasil que é muito grande e tem muita diversidade.

Fonte: elaborado pelos autores.

Diante dessas respostas, concluímos que os estudantes já apresentam um conhecimento mais amplo de língua, compreendendo e discernindo o que os gramáticos prescrevem como “certo” linguisticamente. Observamos que, dentre as nove respostas, apenas um estudante não mencionou palavras como “regras”, “normas”, “corretamente”, “formalmente”, “norma padrão”. Para nós, isso demonstra que eles entendem o que seja uma proposta de um ensino de língua vinculado à gramática, mas já têm o entendimento de que, na prática, a norma padrão é apenas uma possibilidade de uso

do novo documento oficial do governo federal que norteia as políticas educacionais para a Educação Básica, a BNCC (BRASIL, 2017), a qual mantém as orientações para a concepção da língua como um fenômeno variável. Dentre as competências específicas de língua portuguesa para o ensino fundamental apresentadas pela BNCC, destacamos a primeira: “1. Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem” (BRASIL, 2017, p.85).

⁶ Para responder às questões cada um dos alunos recebeu uma folha com cópias das tiras, juntamente com as questões que foram respondidas por escrito.

⁷ Como neste momento da aplicação não seguimos a mesma lista usada no primeiro momento (primeiro semestre de 2017), indicamos as respostas dos alunos pela letra R seguida dos números, conforme a quantidade.

da língua e que ela não substitui as outras variedades, o que se comprova pela resposta R8: “o que existe é o diferente”. Essa visão de existência de diferenças é ampliada pela resposta R9, considerando, inclusive, a extensão territorial do Brasil: “é muito grande e tem muita diversidade”.

Quadro 4: Respostas à pergunta B da atividade 1 (2º momento da aplicação)

B) O que é falar errado?	
R1	Usar a linguagem informal, gírias, expressões regionais.
R2	Falar informalmente sem a necessidade de seguir regras.
R3	Não existem erros na língua falada, até porque não existe uma língua falada padrão.
R4	É não fazer uso da gramática corretamente.

Fonte: elaborado pelos autores.

Inicialmente, destacamos as expressões “Usar a linguagem informal” (R1) e “Falar informalmente” (R2) que direcionam nossa análise acerca da ideia do “falar errado”. Conforme R4 “É não fazer uso da gramática corretamente”, fica subentendido que o aluno se refere à gramática normativa, uma vez que a gramática internalizada⁶ não lida com os julgamentos de certo e errado.

Com relação à R3 nos conscientizamos de que ainda há questões importantes a serem esclarecidas aos alunos. A resposta procura consolidar a ideia de que não existe uma língua padrão, especificamente falada. No entanto, o fato é que a língua padrão é ideal tanto na fala quanto na escrita. Por isso, é indispensável aos alunos que o professor se prontifique a “apresentar a grande variedade de usos da fala e possibilitar que eles tomem consciência de que a língua não é homogênea e que tanto a fala quanto a escrita variam” (DANTAS; MARINE, 2018, p. 47). Além do mais, nesse caso, o Brasil, com tanta diversidade, passa muito bem sem a norma padrão, pois “ela não se mostra nem necessária, nem conveniente” (FARACO, 2008, p. 175).

ATIVIDADE 2

Esta atividade consiste na leitura da tira “Explicação complicada”, figura 4, na qual a personagem Marieta reforça a crença na gramática normativa como instrumento capaz

⁶ Conforme Possenti (2012) a gramática, entendida como conjunto de regras, pode ser normativa ou prescritiva (conjunto de regras *que devem ser seguidas*); descritiva (conjunto de regras *que são seguidas*); internalizada (conjunto de regras *que o falante da língua domina*).

de garantir êxito na vida social. Propusemos questionamentos que provocam a avaliação da norma linguística utilizada pela personagem Marieta.

Figura 4: Explicação complicada



Fonte: CEDRAZ, A. L. R. 1000 tiras em quadrinhos. São Paulo: Martin Claret, 2012, p.191.

Nesta tira, a análise da atitude de Marieta, a partir de sua crença, não considerou a língua como um todo, mas apenas a sua forma socialmente privilegiada (atitude própria dos gramáticos). Pensamos que uma atitude mais acolhedora seria ajudar o personagem Zé Pequeno a “ter consciência de que sabe falar a língua que fala todo dia, mas que precisa saber mais sobre ela e que esse saber pode crescer com ele por toda a sua vida” (SILVA, 2006, p. 35). Esse processo de buscar saber mais sobre a língua, aprimorá-la, precisa acontecer gradativamente. Dessa forma, ela estaria assumindo o posicionamento de um sociolinguista a quem o que interessa “é a língua em uso nas diversas situações comunicativas, especialmente na fala cotidiana; mais do que o indivíduo, o que interessa é o grupo social” (COELHO et al, 2015, p.100). Marieta não alcançará sucesso em sua missão de ensinar a gramática correta a Zé Pequeno se não procurar conhecê-lo como um “produto cultural” do grupo social a que pertence.

Para realização da atividade, cada aluno recebeu uma cópia da tira com as perguntas A e B. Após a leitura da tira, propusemos que os estudantes respondessem às perguntas.

- A) Que norma é essa que Marieta usa para conversar com Zé Pequeno?
B) Será que todos falamos desta forma? Quais são as diferenças entre a fala de Marieta e a fala de vocês? Por que isso ocorre?

Procedemos à exposição e análise de algumas respostas:

Quadro 5: Respostas à pergunta A da atividade 2

A) Que norma é essa que Marieta usa para conversar com Zé Pequeno?	
A1	Ela usa uma língua formal, só deve usar no momento certo, no dia a dia pode ser informal.
A24	Linguagem formal; dependendo da pessoa ou região, nem entende.
A26	Usa uma norma só indicada para os momentos certos como na escola, em reuniões da Câmara.

Fonte: elaborado pelos autores.

As respostas convergem para a compreensão de que a norma usada por Marieta se relaciona a uma situação de formalidade, com indicação clara de existência de momentos apropriados, como em A1 (uma língua formal) e A24 (linguagem formal). Pela exposição de A26, a escola é vista como uma instituição que lida formalmente com a língua. O fato é também que todos os falantes têm o direito de conhecer a “língua certa ensinada na escola”. Para Leite (2012, p. 102) “Nenhum linguista nega isso. O que os linguistas negam é a intolerância que alguns têm quanto ao uso de outras normas que não a culta”. Nessa perspectiva, Marieta poderia até ensinar a gramática correta para Zé Pequeno, mas sem menosprezar a variedade que ele usa. Sua atitude deve ser semelhante à da instituição escolar que, nesta situação, ainda segundo Leite (2012), respeita a linguagem do outro e, aos poucos, o faz tomar consciência de outras possibilidades linguísticas, sem preconceitos e sem construir discursos intolerantes nesse sentido.

Quadro 6: Respostas à pergunta B da atividade 2

B) Será que todos falamos desta forma? Quais são as diferenças entre a fala de Marieta e a fala de vocês? Por que isso ocorre?	
A8	Para Marieta é a língua do dia a dia, nós só usamos em ocasiões especiais. Uma pessoa da minha família fala assim. Eu não gosto.
A17	EXPLICAR-TE-EI é muito difícil encontrar. <i>(A turma manifestou que nunca encontrou.)</i>
A23	Ela estuda demais.
A26	Usamos esta forma só na escrita, em entrevistas de emprego.

Fonte: elaborado pelos autores.

As respostas a essas perguntas nos permitiram identificar uma visão de que os estudantes já manifestaram a percepção de que reconhecer a situação de cada norma é um fator importante na prática comunicativa. Exemplificam tal situação A8 (ocasiões especiais), A26 (entrevistas de emprego). A resposta de A23 (Ela estuda demais) nos faz refletir que a norma usada por Marieta só pode ser adquirida na escola, com muito estudo a respeito. Ocorre também a referência a estruturas morfossintáticas estranhas à contemporaneidade dos estudantes, como é o caso da mesóclise (explicar-te-ei) referenciada por A17 e endossada pela turma.

Para A8, o que é linguisticamente normal para Marieta não é comum no cotidiano de todos os falantes, somente em “ocasiões especiais”. Numa análise sociolinguística, Marieta não se adapta ao pressuposto de que “Nós variamos o nosso modo de falar, individualmente, de maneira mais consciente ou menos consciente, conforme a situação de interação em que nos encontramos” (BAGNO, 2007, p. 44-45). Ainda segundo A8, em

situações de familiaridade, de intimidade entre os falantes, não é agradável que se use tal norma; o aluno expressou convictamente sua avaliação: “Eu não gosto”.

Finalizando a análise da atividade, reforçamos que cabe ao professor conhecer e acompanhar as teorias que surgem devido a investigações científicas de fenômenos linguísticos para que sua prática se dinamize em consonância com o tempo de uso da língua, fugindo de atitudes meramente repetidoras de conhecimentos já produzidos.

ATIVIDADE 3

A atividade⁷ que elaboramos e aplicamos para que os alunos refletissem a respeito da ocorrência do preconceito linguístico consta da apresentação de duas tiras (figuras 5 e 6) em que a atitude da personagem Marieta fosse analisada a partir da seguinte orientação:

Vocês já conhecem a personagem Marieta, da Turma do Xaxado, de Antônio Cedraz. Leiam as tiras A e B e analisem como ela reage em situações nas quais os falantes usam uma variedade linguística a que ela não atribui prestígio. Como vocês descrevem o comportamento de Marieta?

A seguir, apresentamos as tiras e respostas dos alunos, seguidas de nossa análise com comentários alicerçados em reflexões de sociolinguistas brasileiros.

Figura 5: O anjo da guarda - TIRA A



Fonte: CEDRAZ, A. L. R. **A Turma do Xaxado – volumes 1 e 2.** 3.ed. Fortaleza: Editora IMEPH, 2010, p. 22.

⁷ Esta atividade foi acrescentada às atividades propostas para a pesquisa do mestrado; também foram respondidas no segundo momento da atividade 1, no primeiro semestre de 2019, quando os estudantes cursavam o 1º ano do ensino médio.

Quadro 7: Análise da atitude de Marieta (tira A: figura 5)

R1	Ela gosta muito de corrigir os outros, mas não tem o falar errado, mas sim o escrever errado ⁸ .
R2	Marieta se irrita quando as pessoas usam essa variedade linguística perto dela.
R3	Marieta não sabe lidar com os erros gramaticais.

Fonte: elaborado pelos autores.

Observamos que a construção da personagem Marieta representa uma crença linguística negativa, equivocada: a professora de Português que se irrita com os erros gramaticais e realmente “corrige” a fala na sala de aula. Tal percepção se confirma com as respostas de R2 (se irrita) e R1 (corrige os outros). Numa análise sociolinguística, o problema, para Marieta, não está na substituição de “nós” por “a gente”, até porque “O português culto falado e escrito no Brasil na contemporaneidade, nem de longe, se resume ao paradigma do eu/tu/ele/nós/vós/eles” (MARTINS; VIEIRA; TAVARES, 2016, p. 19). Para Marieta, o erro está na flexão do verbo. Essa ideia é reafirmada pela análise que fizemos sobre o que ela escreveu no quadro negro: “A GENTE VAI/ NÓS VAMOS”. Cabe ressaltar que sobre essa divergência de concordância verbal há pesquisas que evidenciam que

Não há frieza e neutralidade em aceitar que “a gente vamos” traz uma equivalência de sentido com ‘a gente vai’. São duas formas de expressar o mesmo sentido, uma conclusão que já é um truísmo aos olhos dos linguistas, mas ainda continua como estranha aos olhos de quem não consegue obter um distanciamento valorativo para analisar (LIMA, 2016, p. 117).

Em conformidade com R3 (Marieta não sabe lidar com os erros gramaticais) e com o posicionamento de Lima (2016), concluímos que talvez esteja faltando à Marieta a oportunidade de investigar esses fenômenos linguísticos que lhe causam estranheza. Mas para isso, ela precisa “aceitar a ideia de que *não existe erro de português*. Existem *diferenças* de uso ou *alternativas* de uso em relação à regra única proposta pela gramática normativa” (BAGNO, 2013, p.166, destaques do autor). E assim tornar-se um pouco mais respeitosa e tolerante com os falantes de outras variedades linguísticas.

⁸ A respeito dessa visão de “errado” estar condicionado à fala ou à escrita, reforçamos que tal posicionamento é ligado ao que se chama de padrão, que em questões linguísticas, é ideal.

Figura 6: Caipirês e bloguês - TIRA B



Fonte: CEDRAZ, A. L. R. 1000 tiras em quadrinhos. São Paulo: Martin Claret, 2012, p.125.

Analizamos que a atitude de Marieta manifesta explicitamente a aversão que tem diante do evento linguístico que presencia. Ela é intolerante não só com os dialetos caipirês e bloguês, como também com um elemento cultural típico da região nordestina em que os personagens vivem: o repente. Outra reflexão, em caráter complementar, é que, como se trata de elemento cultural, acreditamos que o repente deve ser apreciado, abstendo-se de qualquer atitude de intenção avaliativa, como o fez Marieta.

Em razão disso, concluímos que as respostas dos alunos, ao analisarem o comportamento de Marieta na tira, denotam que eles compreenderam perfeitamente que a atitude dela caracteriza a ocorrência de um preconceito linguístico. Para isso, chamamos a atenção principalmente para as partes negritadas em cada resposta seguinte (R1 a R6):

Quadro 8: Análise da atitude de Marieta (tira B; figura 6)

R1	Ela fica incomodada , e é perceptível que ela fica com certa intolerância quanto às pessoas que não seguem a norma-padrão, pelas suas expressões faciais.
R2	Esse comportamento é errado porque cada um tem seu sotaque e seu jeito de falar, não necessariamente, precisamos falar o português padrão todos os dias; com esse comportamento, Marieta está mostrando preconceito linguístico e isso é errado.
R3	Marieta tem um comportamento desagradável . Acredito que devemos respeitar as diferenças.
R4	Ela sempre fala de forma correta e detesta que falem de forma errada perto dela, mas esse comportamento é bem chato .
R5	Marieta apresenta um comportamento errado , pois os personagens utilizam a linguagem mais natural.
R6	O comportamento de Marieta é exagerado , ela deveria aceitar que existem outras formas de falar além da que utiliza a norma padrão.

Fonte: elaborado pelos autores.

As respostas dos alunos nos motivam a intensificar nossas ações no espaço escolar a fim de investigar o que está falho no que se refere às ações para se evitar a discriminação linguística no sistema educacional, apesar das orientações claras contidas

PERES, G.A; MARINE, T.C.

nos documentos oficiais⁹. O julgamento dos alunos a respeito da atitude de Marieta nos chama a atenção para a necessidade de combater a intolerância e o preconceito linguístico que, segundo Leite (2012), têm origem na não aceitação de que as diferenças são próprias do homem e fazem parte de sua vida social. Dessa forma, é preciso insistir para que se entenda e respeite cada ser humano, independente de como sua cultura se constrói por meio de seus hábitos, valores, atitudes e expressões linguísticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elaboração e a aplicação dessa proposta de atividades consideraram a relevância de, cuidadosamente, o professor investigar como os falantes/estudantes concebem o conceito de língua, sua relação com a gramática normativa, e que julgamentos fazem a respeito da forma como ela lhes é apresentada no espaço da sala de aula.

Pensamos as atividades de modo a proporcionar aos alunos a oportunidade de refletir a língua em sua natureza heterogênea. Para nós, professores, foi um momento de, a partir das reflexões dos discentes, analisar como estamos agindo de forma a contribuir para o respeito à diversidade linguística, ao mesmo tempo em que contribuimos para o desenvolvimento da competência comunicativa desses alunos, de forma a colaborar para um trânsito eficiente por diferentes variedades da língua.

Nosso intuito é, também, compartilhar nossas experiências, nossas propostas de atividades, bem como a análise de sua aplicação, levando em conta a possibilidade de colegas professores aplicarem essas atividades e, evidentemente, contribuir para que possam ser aprimoradas, principalmente no tocante aos objetivos da sociolinguística educacional e da pedagogia da variação linguística.

Por fim, ressaltamos a importância de nos empenharmos em nossa formação, tanto pedagógica quanto linguística, para que nossos conhecimentos acerca da variação linguística possam ser disseminados, começando pelo espaço escolar e chegando ao espaço social em que nossos alunos estão inseridos. Dessa forma, contribuiremos para que a compreensão do fenômeno da heterogeneidade linguística se reflita em atitudes de respeito à pluralidade cultural e à diversidade linguística, pois, conscientes linguisticamente,

⁹ Quanto às orientações de documentos oficiais federais para abordagem sociolinguística no ambiente escolar, para se evitar o preconceito linguístico, citamos os PCN: “Frente aos fenômenos da variação, não basta somente uma mudança de atitudes: a escola precisa cuidar para que não se reproduza em seu espaço a discriminação linguística. [...] o **preconceito linguístico**, como qualquer outro preconceito, resulta de avaliações subjetivas dos grupos sociais e deve ser **combatido** com vigor e energia (BRASIL, 1998, p.82, grifos nossos). E também a BNCC, em sua quarta competência específica de língua portuguesa para o ensino fundamental: “4. Compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e **rejeitando preconceitos linguísticos**” (BRASIL, 2017, p.85, grifo nosso).

PERES, G.A; MARINE, T.C.

nossos educandos terão subsídios para demonstrarem mais tolerância às diferenças linguísticas, tornando-se grandes aliados no processo de enfraquecimento do preconceito linguístico por meio, sobretudo, do respeito à diversidade e à variação linguísticas.

REFERÊNCIAS

ALVES, R.; BRUGNEROTTO, T. **Vontade de saber Português**, 6º ano. São Paulo: FTD, 2012.

ARAÚJO, A. A.; PEREIRA, M. L. S. **Variação linguística em livro didático do ensino fundamental**: propostas e tratamento. Revista Letrônica, . vol.10, n. 1, Porto Alegre, 2017, 350-360. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/letronica/issue/view/1045>>. Acesso em 25.mar. 2021.

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, M. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. 55 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

BAGNO, M. **Pesquisa na escola**: o que é, como se faz. 26. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

BARROSO, B. L. A. Minha língua na escola: A sociolinguística educacional como ferramenta para um ensino de LP inclusivo. In: CYRANKA, L. F. M.; BARROSO, T. (orgs.) **A pedagogia da variação linguística na escola**: experiências bem-sucedidas. Londrina: Eduel, 2018, p.33-47.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós chegemos na escola, e agora?** Sociolinguística e Educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BRASIL – Secretaria de Educação Fundamental – **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL, SEB/MEC. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, SEB/MEC, 2017.

CEDRAZ, A. L. R. **Xaxado ano 1**. Salvador: Editora e Estúdio Cedraz, 2003.

CEDRAZ, A. L. R. **A Turma do Xaxado – volume 2**. Salvador: Editora e Estúdio Cedraz, 2006.

CEDRAZ, A. L. R. **A Turma do Xaxado – volumes 1 e 2**. 3.ed. Fortaleza: Editora IMEPH, 2010.

CEDRAZ, A. L. R. **1000 tiras em quadrinhos**. São Paulo: Martin Claret, 2012.

COELHO, I. L. et al. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

PERES, G.A; MARINE, T.C.

CYRANKA, L. Sociolinguística aplicada à educação. In: MOLLICA, M. C.; JUNIOR, C. F.(orgs.) **Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução**. São Paulo: Editora Contexto, 2016, p.167-176.

DANTAS, S. A.; MARINE, T. C. O espaço da oralidade no ensino de língua portuguesa: possibilidades e desafios com o relato pessoal. In: MAGALHÃES, T.; CRISTOVÃO, V. (orgs.) **Oralidade e ensino de Língua Portuguesa**. Campinas, SP: Pontes, 2018, p. 39-74.

FARACO, C. A. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FARACO, C. A.; ZILLES, A. M. **Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

FARACO, C. A.; ZILLES, A. M. **Para conhecer norma linguística**. São Paulo: Contexto, 2017.

LEITE, M. L. **Preconceito e intolerância na linguagem**. São Paulo: Livraria Saraiva, 2012.

LIMA, R. J. Variação linguística e os livros didáticos de português. In: MARTINS, M. A.; VIEIRA, S. R.; TAVARES, M. A. (orgs.) **Ensino de português e Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2016, p.115-131.

MARTINS, M. A.; VIEIRA, S. R.; TAVARES, M. A. Contribuições da Sociolinguística brasileira para o ensino de português. In: MARTINS, M. A.; VIEIRA, S. R.; TAVARES, M. A. (orgs.) **Ensino de português e Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2016, p.9-35.

PERES, G. A. Uma proposta de trabalho com o gênero discursivo tiras: enfoque nas questões sociais e culturais. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, 2018.

POSSENTI, A. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. 2. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2012.

SCHERRE, M. M.P. **Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito**. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

SILVA, R. V. M. **O português são dois: novas fronteiras, velhos problemas**. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

Como citar este artigo (ABNT)

PERES, G.A; MARINE, T.C. Noções sociolinguísticas na educação básica a partir da Turma do Xaxado: contribuições a um ensino significativo da língua portuguesa. **Revista do SELL**, Uberaba, MG, v. 10, n. 01, p. 76-100, 2021. Disponível em: <inserir link de acesso>. Acesso em: inserir dia, mês e ano de acesso. DOI: inserir link do DOI.

Como citar este artigo (APA)

Peres, G.A. & Marine, T.C. (2021). Noções sociolinguísticas na educação básica a partir da Turma do Xaxado: contribuições a um ensino significativo da língua portuguesa. *Revista do SELL*, 10 (1), 76-100. DOI: inserir link completo de acesso ao DOI.